



Exposição

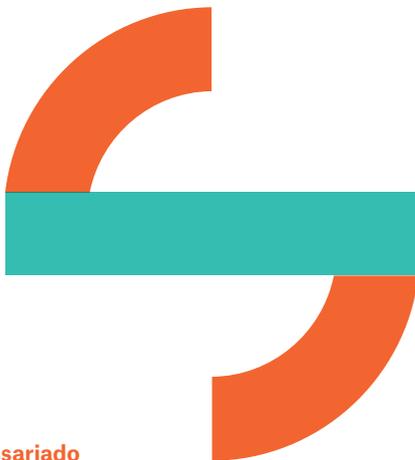
Habitar Portugal
12-14

01.07-10.07
Jardins Efêmeros'16
Pavilhão Mundo
Português

www.habitarportugal.org

Programa Paralelo

Conferências
Debates
Visitas Guiadas

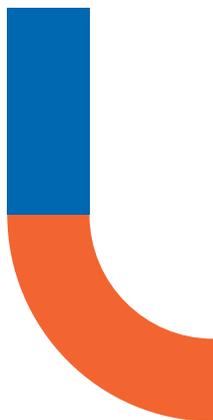


Mundo Português com:

Vhils
±MAISMENOS±
Duarte Belo
Carl Hagew
Rafael Farias
Tiago Resende
Underdogs10

Comissariado

Lúis Tavares Pereira
Bruno Baldaia
Magda Seifert



Organização



Co-produção

JARDINS
EFÊMEROS 2016

Patrocinadores



Está a arquitectura sob resgate?

A selecção de obras de arquitectura reunidas nesta edição Habitar Portugal faz-se perante uma pergunta: está a arquitectura sob resgate? O resultado pretende ser, mais do que uma conclusão, uma reflexão em aberto. As oitenta obras que aqui se apresentam são cada uma delas propostas para a construção da percepção de um momento significativo para a arquitectura portuguesa. O tema proposto deve ser lido como um enquadramento e os critérios para a sua reunião, previamente comunicados, são um seu suporte. O período a que esta edição corresponde, 2012-2014, é coincidente com o programa de resgate financeiro a que Portugal esteve sujeito. Quis-se, por isso, analisar e compreender o impacto que inevitavelmente este facto teve na prática dos arquitectos portugueses. A observação destas obras não torna evidente uma preocupação específica com os programas ou as actuações que, de uma forma ou de outra, incorporaram a actual situação social, política e económica como um seu motivo. Procura, antes, perceber qual o impacto desse estado que ainda não sabemos quanto de transitório terá, de que formas se manifesta e que consequências deixa. A arquitectura é uma prática social e, por isso, dependente e condicionada pelos meios através dos quais as sociedades projectam em forma, objecto e espaço, o momento por que passam. Ao mesmo tempo tem um autor ou autores, o que significa que cada arquitecto é um filtro que reorganiza ideias várias e de proveniências distintas e as materializa numa obra. A arquitectura é ainda uma prática autoral por muito que queira participar de fenómenos alargados ao espaço social onde se move. As obras que aqui se apresentam são disso testemunho, a variedade de opções, práticas e posicionamentos é evidente mesmo quando as queiramos olhar desde um enquadramento determinado.

Esta é a quinta edição do Habitar Portugal que cobre assim os quinze anos de produção arquitectónica portuguesa desde 2000. É uma altura oportuna para cruzar as suas sucessivas concretizações e, perante a percepção do momento em que vivemos, reflectir sobre a acumulação de registos que, sobrepondo-se, nos permitem uma imagem de uma passagem alargada de tempo pela arquitectura portuguesa. Esse cruzamento, a que naturalmente se chamou palimpsesto, conduziu ao reconhecimento de um processo contínuo de mudanças profundas. As alterações no ensino da arquitectura e a multiplicação pelo país de novos cursos públicos e privados e, com isso, uma disseminação de processos distintos de formação, são um dado novo neste espaço de tempo. O reconhecimento público de que foi sendo alvo,

sobretudo através dos seus autores mais mediáticos, e a importância crescente da participação dos arquitectos no mercado da construção com as discussões sucessivas sobre a sua autonomia disciplinar e o seu estatuto social e legal são temas presentes mesmo que em permanente reenquadramento. A presença cada vez mais natural da internacionalização dos seus agentes contribuiu para uma visibilidade social dos arquitectos e da arquitectura que transbordou os tradicionais meios disciplinares para a sua divulgação e discussão. Ao mesmo tempo discutem-se as condições e as oportunidades de uma prática que, mesmo disseminando-se pelo território, não podem senão reproduzir as assimetrias que encontramos em todas as outras actividades, quer queiramos vê-las como uma oportunidade, quer como uma limitação.

Habitar Portugal pretende constituir-se como uma manifestação importante que a Ordem dos Arquitectos assume para a divulgação da arquitectura e a discussão das suas políticas públicas. Para isso importa compreendê-la como um fenómeno que se estende no tempo, desde logo porque essa presença extensa pertence à sua natureza, mas é igualmente vital hoje podermos permitir-nos ter estes espaços alargados de reflexão num momento em que o consumo rápido de imagens e a emergência de novos processos de divulgação e legitimação da arquitectura nos colocam frequentemente perante factos novos que importa considerar e analisar criticamente.

A exposição que se apresenta, que Jardins Efémeros '16 decidiu acolher, constituindo já a terceira apresentação de um conjunto de mostras que percorrerá o país, procurará nas suas diversas manifestações compreender, discutir, e reportar o estado e a condição da arquitectura portuguesa que hoje vivemos considerando o acervo que o Habitar Portugal já constitui.

O processo de resgate da economia portuguesa pressupõe um reajustamento como consequência deste estado de suspensão e reavaliação do seu estado anterior. Os processos de crise foram sendo historicamente momentos fecundos para a arquitectura e para a sua História, como podemos então ver e perceber este por que passamos agora? Se a arquitectura está sob resgate, como é o seu reajustamento?

Comissários HP12-14

Luís Tavares Pereira
Bruno Baldaia
Magda Seifert

Mundo Português

O pavilhão *Mundo Português* é uma iniciativa dos Jardins Efémeros que procura reunir e cruzar práticas que, entre a arte e a arquitectura, possam estimular reflexões sobre o momento que vivemos em Portugal numa circunstância em que essas reflexões já não são possíveis fora do espaço alargado em que hoje todos nos encontramos. Chamar a este espaço de cruzamentos *Mundo Português* tem a oportunidade de remeter para a exposição realizada em Lisboa em 1940 onde que se apresentava uma identidade nacional separada do mundo de que ainda assim Portugal fazia parte. Que identidade, ou, mais precisamente, por que identidades se vive hoje em Portugal? Identidade não é um tema periférico às discussões que hoje se fazem na Europa em que vivemos e de que fazemos parte, como os acontecimentos recentes têm tão veementemente demonstrado. Como discuti-lo então? O espaço em ruínas onde esta exposição se realiza estabelece um ponto de partida para as interpretações que cada um dos seus intervenientes propõe. A primeira evidência é a ruína precisamente. Uma ruína são restos e, da mesma maneira, marcas de um tempo que resiste a deixar de ser presente. Enquanto existirem ruínas existem entre nós tempos que não são os de hoje. É precisamente esse espaço entre presença e desvanecimento que o *Mundo Português* reúne.

Duarte Belo propõe três situações distintas, três enquadramentos de observação. Três naves, três conjuntos de fotografias. Numa primeira nave há a presença de vegetação, que vai colonizando o espaço abandonado. É a vida na sua mais pungente dimensão. À perda de uma actividade humana, segue-se o avanço vegetal, mesmo que as condições de luz, ou a presença de terra, sejam escassas.

Na nave oposta há um conjunto de viaturas que ali terminaram as suas viagens há alguns anos. Propõe-se o diálogo com essas peças, agora inúteis, através de um conjunto de imagens de veículos, abandonados, acidentados, registadas ao longo de quase trinta anos pelo território português.

Por fim, para contrastar com estas realidades, que aparentemente nada têm em comum, um percurso célere por alguns dos mais notáveis monumentos históricos de Portugal. Espaços monumentais e referências de uma identidade colectiva.

O lugar condiciona a ocupação do espaço. Há a procura de uma imagem de Portugal, ou imagens para Portugal, a partir de uma situação concreta.

Esta é uma reflexão que se propõe, pela imagem fotográfica e através de uma recolha que se estende ao longo das últimas três décadas, sobre aspectos particulares de um país, num lugar, no centro de Viseu, que encerra, na sua ruína e abandono, um carácter estimulante, inusitado e perturbador.

“Portugal hoje, o medo de existir”, denotava José Gil no título de uma das suas obras mais marcantes sobre a realidade e o ser português. Há quatro anos que Portugal é governado no exterior, com sede de governo em Bruxelas. A Europa, com um futuro cada vez mais incerto, deixa Portugal com a franca incerteza da sua existência — não é o medo que hoje determina a sua existência, é a simples (im)possibilidade de ser. É concebível, hoje, pensar um futuro para o País? Existirá espaço e possibilidade para tal? É neste contexto que Alexandre Farto (aka VHILS) e Miguel Januário (aka ±MAISMENOS±) reflectem sobre esse futuro, sobre esse espaço, sobre essa existência. Os Jardins Efémeros acolhem estes dois artistas portugueses e cedem o espaço físico a essa reflexão. Os viseenses são convidados e confrontados com a cedência do espaço para essa reflexão.

Habitar Portugal é uma exposição itinerante que reúne um conjunto de 80 obras construídas por arquitectos portugueses a partir de uma proposta de enquadramento para a sua observação, um tema: *está a arquitectura sob resgate?*

A arquitectura tem processos lentos e o espaço de tempo das obras seleccionadas manifesta-nos isso mesmo, o impacto sobre os processos e a emergência das suas respostas ou das suas formas de adaptação ou de reacção, que não é necessariamente o resultado formal dos objectos construídos. As questões que esse processo levanta são tão importantes como as obras onde procuramos dele evidências. Um dos temas que emerge como primordial é, por diversas razões, a identidade. *Mundo Português*, a exposição em que o HP se insere nos Jardins Efémeros permite discuti-lo com áreas diversas, que expandem o âmbito de uma questão disciplinar. A identidade foi o que tornou possível localizar no mundo uma arquitectura portuguesa. Simultaneamente os processos de globalização de que fazemos parte absorveram a identidade da arquitectura portuguesa como uma manifestação de diferenciação, tornaram-na identificável e passível de ser absorvida num espaço cultural alargado de que fazemos parte. O processo de integração num espaço económico europeu alargado refez a identidade como um tema. Viseu e os Jardins Efémeros parecem ser um espaço oportuno para o discutir.

Dispositivo expositivo CLOUD

O núcleo central, ou o dispositivo expositivo CLOUD, que resultou do concurso público lançado pela OA, é constituído por um sistema de “andaimes”, cuja flexibilidade e instantaneidade de montagem permitem a sua adaptação aos diferentes espaços das exposições previstas na itinerância. As 80 obras são expostas organizadas por cada uma das seis regiões em que o HP 12-14 se divide – AML, AMP, Norte, Sul, Ilhas e Fora de Portugal. Em cada face estarão expostas entre duas a quatro obras, através de painéis com imagens, desenhos, legendas e fichas técnicas e textos descritivos das obras, em versão bilingue, e uma moldura digital em ‘loop’ com informação adicional sobre a obra.

Para cada região reúne-se pela primeira vez num único mapa o conjunto das obras seleccionadas desde a primeira edição. É, assim, possível a identificação de uma imagem territorial, porventura surpreendendo em escala e extensão, não se limitando às áreas urbanas e densamente povoadas.

Sobrepondo as cinco edições de Habitar Portugal é possível ter uma percepção do alargado leque de obras, da sua dispersão pelo território, com maior ou menor concentração em determinadas áreas num ou noutro período, com maior ou menor enfoque em determinados programas de uso, mas também isolar a informação de cada edição, permitindo a sua comparação com as demais. O esforço de compilação de um arquivo disperso e o potencial de cruzamento de leituras, é uma das ferramentas que convocamos para reflectir sobre a produção arquitectónica do período 2012-14.

WALL HP 12-14

WALL HP 12-14 é um trabalho concebido especificamente para cada momento da itinerância focando os trabalhos seleccionados de cada região, e integrando relações com obras de edições anteriores. Esta ‘parede’ ou ‘mesa’, inclui registos de visitas às obras por parte dos comissários, excertos de publicações, textos etc. e foi ‘construída’ pelos comissários durante o período de montagem da exposição, sendo um conteúdo original em cada uma das etapas da itinerância.

Atmosfera Específica

‘Atmosfera Específica’ (2016) é um conjunto de vídeos de 3’ que, tal como o nome indica, procura captar e traduzir a atmosfera de cada obra e lugar. Pensada como um todo, esta composição pretende representar uma itinerância atmosférica através de imagens e sons pelas diferentes obras que integram a selecção, podendo os mesmos serem apresentados individualmente ou em conjunto.

2016 | 6’34” | Cor | 16:9
Ampliação Móveis Viriato
Paredes, 2014
Nuno Brandão Costa

2016 | 6’34” | Cor | 16:9
Capela Particular no Paço Episcopal de Lamego
Lamego, 2013
Manuel Botelho

2016 | 6’34” | Cor | 16:9
Casa Lagartixa
Ariz, 2014
Paula Ribas, Nuno Valentim + Gémeo Luís (Designer)

2016 | 6’34” | Cor | 16:9
Recuperação da Casa da Granja
Amarante, 2014
José Bernardo Távora

Organização
Ordem dos Arquitectos (OA)
Conselho Directivo Nacional

Coordenação
Marco Roque Antunes
Paulo Serôdio Lopes

Gestão financeira
Rafael Pereira

Comissariado Conceção do projecto expositivo
Luís Tavares Pereira
Bruno Baldaia
Magda Seifert

Dispositivo expositivo CLOUD
Nelson João
Ivo Gouveia Carvalho
Rodrigo Seixas

Programa paralelo
Talkie Walkie
(serviço educativo)

Produção executiva
Ana Paulista (OA)

Comunicação
Rosa Azevedo

Design
And Atelier

Website e programação
Webprodz

Marketing
Maria Miguel

Edição e revisão de textos
Cristina Meneses

Apoio à edição
Inês Pinheiro Torres

Tradução
Liam Burke

Filmagem e edição de vídeo
Miguel C. Tavares

Som e música original
José Alberto Gomes

Produção e direcção de montagem
Interface – Serviços Culturais

Registo e edição vídeo do Programa Paralelo
Building Pictures

Apoio
Andaime de fachada
Catari FA48[®]
www.catari.net

Patrocinadores HP 12-14
CINCA
MAPEI

Dispositivo expositivo CLOUD/ andaime modelo FA48[®] com aplicação de produtos cinca e mapei nas plataformas inferiores Steel Deck 320:

CINCA: revestimentos porcelânicos plena massa, decorado série mixage, ref^a 9033, antracite

MAPEI: juntas coloridas – mapei kerapoxy design, ref^a 770, antracite

MAPEI: micro cimento – mapei ultratop system efeito natural, cinza claro

Co-produção
Jardins Efémeros

Ideia original
Sandra Oliveira

Organização
Pausa Possível – Associação Cultural e de Desenvolvimento

Produção
CUL-DE-SAC

Direcção técnica/desenho de luz
Cristóvão Cunha

Assistência de direcção técnica / som
José Marques
Alexandre Ribeiro (Audioglobo)

Comunicação, copydesk e tradução
Sandra Pereira

Design e direcção criativa
CELEUMA

Fotografia
Eduardo Ferrão
Fernando Rodrigues

Revisão
Maura Andrade Lemos

Produção
Ana Souto e Melo
Centro pontoarte
Liza Valérie Hanna
Soraia Oliveira
Liliana Bernardo
Beatriz Albuquerque

Assistentes de produção
Ana Sampaio
Cláudio Calçada
Diana Ferreira
Liliana Rodrigues
Maria Oliveira
Mariana Gonçalves
Patrícia Jesus
Sandra Gomes
Tânia Silva
Vanda Rodrigues
Jovens que voluntariamente decidiram integrar esta equipa.

Programa Paralelo

Rua D. Duarte 60, Viseu

05 Julho Ter, 19h00

Debate

Mundo Português: Identidade e Desintegração

Álvaro Domingues

Dalila Rodrigues

João Mendes Ribeiro

Pedro Silva

Moderação

Comissariado HP12-14

Debate

Mundo Português: Identidade e Desintegração

A arquitectura tem processos lentos e o espaço de tempo das obras seleccionadas manifestam-nos isso mesmo, o impacto sobre os processos e a emergência das suas respostas ou das suas formas de adaptação ou de reacção, que não é necessariamente o resultado formal dos objectos construídos. As questões que esse processo levanta são tão importantes como as obras onde procuramos dele evidências

Um dos temas que emerge como primordial é, por diversas razões, a identidade. *Mundo Português*, a exposição em que o HP se insere nos Jardins Efémeros permite discuti-lo com áreas diversas, que expandem o âmbito de uma questão disciplinar. A identidade foi o que tornou possível localizar no mundo uma arquitectura portuguesa. Simultaneamente os processos de globalização de que fazemos parte absorveram a identidade da arquitectura portuguesa como uma manifestação de diferenciação, tornaram-na identificável e passível de ser absorvida num espaço cultural alargado de que

fazemos parte. O processo de integração num espaço económico europeu alargado fez da identidade como um tema. Viseu e os Jardins Efémeros parecem ser um espaço oportuno para os discutir.

As obras que aqui destacamos, as que se inserem numa extensão territorial de proximidade com a cidade, lidam com o tema da identidade e da sua projecção. A realidade actual de Viseu, como de outras cidades, lida também com um momento em que a ligação entre os centros históricos e a sua expansão parece levantar questões novas sobre com que modelos podem as cidades identificar-se. Perante a emergência de uma indústria do turismo que apresenta possibilidades novas, parece óbvio perguntar, quem habita a identidade de uma cidade? Se a cidade que se expande desabitou a cidade anterior e há novas oportunidades para a ocupação dos núcleos identitários, como se faz essa ocupação no enquadramento de uma indústria turística globalizada? De que estamos a falar quando procuramos o perfil do novo ocupante sazonal perante o espaço vazio dos centros históricos, da identidade que se procura e que pode ser atractiva? Ou estamos a falar da desintegração dos seus habitantes que, ocupando-os, já não os habitam?

06 Julho Qua, 19h00

Apresentações Obras Norte II

José Bernardo Távora

Manuel Botelho

Nuno Brandão Costa

Paula Ribas

e Nuno Valentim

Apresentação Obras Norte II

A exposição que aqui se apresenta é já a terceira de um conjunto de mostras que percorrerá o país, procurando nas suas diversas manifestações compreender, discutir e reportar o estado e a condição da arquitectura portuguesa que hoje vivemos considerando o acervo que Habitar Portugal já constitui. Cada exposição constitui uma oportunidade para trabalharmos com um reduzido número de obras, escolhidas pela proximidade geográfica ao local da exposição, permitindo aprofundá-las e através delas alimentar este trabalho em aberto.

Nos Jardins Efémeros, e procurando entender o contexto em que cada mostra HP 12-14 se faz, o destaque é dado às obras: Ampliação Móveis Viriato, em Paredes, de Nuno Brandão Costa; Capela Particular no Paço Episcopal de Lamego, de Manuel Botelho; Casa Lagartixa, em Ariz, de Paula Ribas, Nuno Valentim + Gémeo Luís (designer); Recuperação da Casa da Granja, em Amarante, de José Bernardo Távora.

O facto de que, com excepção da obra do Museu Grão Vasco, do arquitecto Eduardo Souto de Moura, na edição HP 03-05, não haver outras obras seleccionadas de Viseu é, em si, significativo, e passível de distintas interpretações, matéria que o programa paralelo permitirá também abordar.